

## Todos em Cannes

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

No momento em que você, leitor, estiver lendo este artigo, provavelmente só seremos nós alguns colunistas e os leitores a não estar na cidade de Cannes, França, acompanhando o festival internacional de publicidade. Todo o resto da redação da Editora Referência estará lá.

O Festival de Cannes o de publicidade, que o único legítimo, para nós (parece que há um outro, de cinemão) exerce uma grande fascinação sobre os brasileiros. Talvez tenha alguma coisa a ver com a Copa do Mundo e a nossa necessidade de afirmação. Nesta, há pelo menos 40 anos entramos como favoritos (a revista *The Economist* acaba de chamar o Brasil de único "superpower" do futebol mundial); enquanto em Cannes embora nunca tenhamos conquistado um grand prix (em filmes) sempre subimos ao pódio, entre os três primeiros colocados, às vezes como vice-campeões.

Parece que a delegação de imprensa do Brasil tem sido a maior de todas, nos últimos anos, com mais de 50 pessoas.

Mas nem sempre foi assim. Quando Victor Petersen um argentino bem aclimatado ao Brasil recebeu a incumbência de promover, no Brasil, o festival da SAWA, ainda éramos uns desconhecidos no mundo da publicidade internacional. Victor tinha uma empresa de publicidade em cinemas, coisa que nunca "pegou" de fato no Brasil, a CP e SAWA, como a maioria dos leitores já sabem, significa Screen Advertising World Association e este "screen" do nome refere-se às telas dos cinemas, pois o festival, no início, era de propaganda para o cinema e até discriminava contra a televisão. Também alternava a cidade-sede entre Cannes e Veneza, tanto assim que os leões originais, entregues como prêmio, eram uma reprodução do Leão de São Marcos veneziano puro.

Victor apostou no Brasil e defendeu ferreamente um lugar para nós no júri, monopolizado pelos profissionais de primeiro mundo. Nosso primeiro jurado foi Alex Periscinoto. Judeu de origem européia Victor falava todas os principais idiomas usados nas reuniões da SAWA e conquistou um lugar de prestígio entre os organizadores. Devemos muito a ele, da notoriedade e alguma glória que viríamos a ter, mais tarde.

Victor Petersen investia no Festival, que era a principal vitrina da sua CP, perante nosso mercado publicitário e reservava sempre, pelo menos, um lugar para um jornalista, na delegação brasileira, com tudo pago por ele. Eu fui um dos agraciados com o convite e, na edição de 1979 do festival, era o único jornalista representando o Brasil. Eu mandava material para O Globo diário, que nada publicava, e os resultados, por telex e telefone, para as publicações do Ferrentini... A registrar que as "facilidades" eram tão precárias, que a Sala de Imprensa fechava às 18h e para mandar alguma coisa para o Brasil era preciso cabalar o pessoal do hotel, para usar o Telex, ou a agência do correio, que fechava às 20h.

Bom, tudo isso já é História e um certo saudosismo. Vamos agora torcer para que estejamos novamente no pódio da publicidade mundial, neste próximo sábado.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=338>>. Acesso em: 5 ago. 2009.